



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

OUTUBRO DE 2025

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



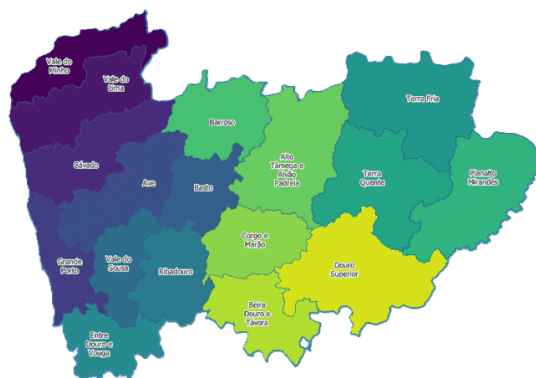
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e econômicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção econômica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDD Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Castanhas da variedade "Aveleira", com o ouriço aberto, Martim - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

Resumo

Em outubro as condições meteorológicas assemelharam-se às do mês anterior – quente e seco na primeira quinzena, com chuva e descida das temperaturas no final do mês.

Tratando-se do último mês do ano agrícola 2024/2025, é oportuno fazer um balanço. Foi um ano agrícola pouco positivo face às quebras de produtividade/produção de algumas culturas permanentes, de onde destacamos a vinha, castanha, amêndoa, maçã e azeitona, quer de conserva, quer para azeite.

Outubro é tempo de castanhas, que embora de menor calibre e em menor quantidade, se apresentam este ano com muito boa qualidade. As descidas de temperatura e o início da precipitação foram determinantes para a abertura e queda dos ouriços, libertando as castanhas no seu interior e permitindo o início da colheita. Infelizmente, nos Soutos da Lapa, a produção deste ano e dos próximos ficarão comprometidas em resultado dos incêndios do verão que foram responsáveis pelo ano com a maior área agrícola ardida na Região Norte.

Este mês voltamos a ficar mais pobres. Com a saída de mais um técnico da equipa por aposentação, a capacidade para manter elevada a qualidade da informação produzida sente-se. Por outro lado, não obstante a boa colaboração que continuamos a ter com a equipa da Agricultura do INE, este instituto desinteressou-se da parceria estabelecida há muitos anos com os Serviços Regionais da Agricultura, agora que fazem parte das CCDR's. Por outro lado, passados quase dois anos da integração na CCDR Norte, continuamos a não saber defender internamente a importância fulcral do conhecimento da Agricultura do Norte para a qualidade das políticas públicas, onde os Sistemas de Informação Agrária são um dos principais instrumentos. Oxalá que este desabafo, pelo menos, desperte junto dos atores com poder de decisão, a discussão sobre a importância do conhecimento da agricultura portuguesa e o papel das CCDR's na recolha e análise da informação produzida nos diferentes territórios.

José Vieira

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.1	Trás-os-Montes	7
2	<i>Fitossanidade</i>	10
2.1	Entre Douro e Minho	10
2.2	Trás-os-Montes	12
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	14
3.1	Trás-os-Montes	14
4	<i>Milho grão de Regadio</i>	15
4.1	Entre Douro e Minho	15
4.2	Trás-os-Montes	16
5.	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	18
5.1	Entre Douro e Minho	18
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	18
6.1	Trás-os-Montes	18
7	<i>Fruticultura</i>	19
7.1	Entre Douro e Minho	19
7.2	Trás-os-Montes	23
8	<i>Vinha</i>	36
8.1	Entre Douro e Minho	36
8.2	Trás-os-Montes	38
9	<i>Olival</i>	41
9.1	Entre Douro e Minho	41
9.2	Trás-os-Montes	43
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	47
10.1	Entre Douro e Minho	47
10.2	Trás-os-Montes	49
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	53

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Vista da Serra da Peneda, Parada do Monte – Melgaço, zona de observação do Minho
 Foto por: Aurora Alves

A precipitação registada no fim deste mês teve impactos diferentes consoante as zonas de observação. Assim, no Norte e Centro do Entre Douro e Minho (EDM) as condições climáticas permitiram a normal realização dos trabalhos da época, nomeadamente a finalização das colheitas dos milhos para silagem e para grão e o início das sementeiras das culturas de inverno – a destacar, forrageiras e pratenses. Também facilitaram o controlo de pragas e doenças nas diversas culturas, designadamente na vinha e nas oliveiras, bem como as tarefas de colheita de uvas e milhos, potenciando a sua qualidade. Por outro lado, prejudicaram o desenvolvimento dos ouriços nos castanheiros e o desenvolvimento e a produção dos prados e das pastagens. O regresso da chuva foi muito importante para o desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras anteriormente semeadas e dos prados e das pastagens, uma vez os solos estavam a ficar muito secos.



Figura 2. Ponte da Assureira, Castro Laboreiro - Melgaço, zona de observação do Minho
 Foto por: Aurora Alves



Figura 3. Rio das Pontes, afluente em Sande São Clemente, onde se evidencia o baixo nível freático, 10.10.2025, Guimarães, zona de observação do Ave
 Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

A sul da sub-região do EDM, até dia 18 houve excelentes condições para a maturação do milho grão e operações de colheita, mas a partir dessa data o início da precipitação interrompeu a colheita do milho grão e forrageiro, tendo ficado no campo áreas que foram semeadas mais tarde ou com milhos de ciclos mais longos.

Já a laboração nos lagares de vinho decorreu sem problemas, encontrando-se os vinhos a estagiar. Na zona de observação do Grande Porto e do Entre Douro e Vouga as elevadas temperaturas favoreceram o ciclo de pragas como a *Ceratitis capitata*, vulgarmente conhecida como Mosca do Mediterrâneo, que atacou frutos em fase de maturação como o dióspiro e o kiwi, em particular da variedade “Dori” (kiwi amarelo, mais próximo da maturação). Vários tipos de borboletas, nomeadamente a borboleta branca, que dá origem à lagarta das couves, obrigaram a tratamentos fitossanitários para o seu controlo.

1.1 *Trás-os-Montes*

Um pouco por toda a região transmontana, o mês de outubro ficou marcado pelas temperaturas elevadas que se fizeram sentir durante a primeira quinzena, associadas à ausência quase total de precipitação, resultando num mês extremamente seco.

Durante esse período as temperaturas máximas e mínimas foram sempre superiores às normais climatológicas, conforme o registo do IPMA, e muito anormais para esta época do ano.

A partir do dia 19 chegaram as primeiras e muito aguardadas chuvas de outono, por influência da passagem de um rio atmosférico no Norte do país. Sentiu-se a descida das temperaturas médias, passando de dias amenos a dias por vezes frios e com ocorrência de aguaceiros e neblinas matinais, a partir da terceira semana – entre os dias 19 e 24.

Registou-se precipitação intensa, em particular nas cotas mais elevadas, acompanhada de vento forte e formação de nevoeiros. Esta alteração climática foi muito benéfica para as culturas que estão a terminar o seu ciclo vegetativo.

Na Terra Fria, o castanheiro – enquanto principal cultura – já estava em stress hídrico e a precipitação registada, em conjunto com a ação do vento, promoveram não só a queda da castanha, como também o aumento do seu calibre. A cultura da noz, cuja apanha se iniciou este mês, beneficiou desta chuva, na medida em que a humidade favorece a operação de descasque.

Para a cultura do olival (para azeite), que se encontra na fase de engorda dos frutos, a precipitação foi extremamente benéfica, em particular para as variedades “Madural” e “Cobrançosa”, que já começam a evidenciar pigmentação no fruto (início de maturação).

Os produtores de cereais da Terra Fria declaram que estão a realizar as últimas operações culturais, a fim de iniciar a sementeira assim que a interrupção da precipitação o permita.

As bacias hidrográficas, as barragens, os nascentes, poços, furos e charcas apresentam um nível mais baixo de água armazenada, quando comparado com igual período do ano anterior, esperando-se que recuperem a capacidade de armazenamento até ao início do inverno. Nas barragens de Gostei e de Prada ainda decorrem as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas.

As linhas de água temporárias ainda não apresentam água corrente, ao contrário das linhas de água permanentes e das aqueiras nos lameiros de regadio.

No Planalto Mirandês, e apesar da precipitação que ocorreu, ainda encontramos a superfície dos solos seca, assim como as herbáceas infestantes e os fenos que secaram naturalmente.

Os pequenos regatos já não têm caudal há cerca de 2 meses e os ribeiros de maior dimensão apresentam pouco ou nenhum caudal.

Apesar dos níveis serem inferiores aos do mesmo período de 2024, os recursos hídricos das barragens, nascentes, bacias, poços, furos e charcas têm reservas acima dos 50%, próximo dos 60%. Existem, portanto, reservas de água quer à superfície, quer no subsolo, o que não causou, para já, dificuldades de maior, nomeadamente nas culturas com sistema de rega.



Figura 4. Barragem de Penas Roias com o nível a cerca de 85%, 16.10.2024, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 5 e 6. Barragem de Penas Roias a cerca de 70-75%, 13.10.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 7 e 8. Charca impermeabilizada utilizada para sistema de rega de amendoal em 14.10.2024, a cerca de 90-95% da sua capacidade (esq.) e a mesma charca em 13.10.2025, a cerca de 60% da capacidade máxima (dir.), Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

À semelhança de outras, a barragem de Temilobos, no concelho de Armamar, apresenta um nível de armazenamento (48,97%) inferior ao do mês anterior e ao do mesmo período de 2024. O reenchimento deste aproveitamento hídrico é fundamental para a região, na medida em que providencia água de rega a centenas de hectares de pomóideas.

O nível de abastecimento mais reduzido registou-se na barragem de Arcossó, no concelho de Chaves, que apresenta o valor mais baixo dos últimos três anos (34,02%).

Na Terra Quente, mais especificamente em Alfândega da Fé e Mirandela, as barragens de Santa Justa e Vale de Madeiro apresentam Níveis de Pleno Armazenamento (NPA) ligeiramente superiores, se compararmos com o ano anterior (ver fotos 9 a 12).



Figuras 09 e 10. Barragem de Santa Justa em 2024 (esq.), com NPA de 60,76% e em 2025 (dir.), com NPA de 66,63%, Alfândega da Fé
Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 11 e 12. Barragem de Vale de Madeiro em 2024 (esq.), com NPA de 59,24% e em 2025 (dir.), com NPA de 68,09%, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

A Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹ sofreu uma descida acentuada ao longo do mês, situando-se entre os 2-3mm/dia (no início de outubro) e os 0,5mm/dia (no final do mês).

A humidade relativa variou na proporção inversa, situando-se entre os 28 e os 99% (no início e no final do mês, respetivamente). Entre os dias 25 e 27 registou-se uma inversão dos valores, que rapidamente voltaram a subir, atingindo a máxima anteriormente referida.

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Iniciaram-se os tratamentos de inverno à base de cobre, em culturas permanentes como as pomóideas ou os citrinos.

De norte a sul do EDM há registos de estragos provocados pelo Percevejo Marmoreado Castanho (*Halyomorpha halys*) no kiwi, com os produtores a recorrerem às armadilhas artesanais colocadas na periferia dos pomares para captura massiva dos insetos, já que o uso de inseticidas não demonstrou grandes resultados práticos.

O uso de parasitóides e de repelentes está atualmente em fase de teste.

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.



Figuras 13 e 14. Frutos de kiwi picados pelo Percevejo Marmoreado Castanho (*Halyomorpha halys*), Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figura 15. Estragos provocados pelo Percevejo Marmoreado Castanho (*Halyomorpha halys*) no fruto e na folha, Urgeira – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Continuam a evoluir os estragos provocados pela Traça da Batata (*Phthorimaea opercuella*) nos tubérculos armazenados, com a necessidade de verificar semanalmente a batata e eliminar quantidades consideráveis, reduzindo a quantidade de produto destinado ao mercado.

A batata mais miúda, que estava guardada com vista à sementeira precoce, tem como destino a alimentação animal.

Realizaram-se os tratamentos contra a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*) e a Gafa (*Colletotrichum* sp.), antes de se iniciar a precipitação.

Nos citrinos, nomeadamente nas laranjeiras, já são visíveis as picadas da Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), embora com menor intensidade que em anos anteriores.



Figura 16. Pormenor da picada da Mosca do Mediterrâneo na laranja, Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

A Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu a Circular 14/2025 no dia 16 de outubro, onde são apresentadas as medidas de prevenção a serem tomadas nesta época do ano para a actínídea, pequenos frutos de baga e citrinos. É feito o aconselhamento do enrolvamento como técnica de conservação dos solos em vinhas e pomares.

Foi também apresentado um folheto de divulgação sobre a Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), bem como a lista dos fungicidas homologados em 2025 para o combate à Bacteriose (PSA) do kiwi.

2.2 Trás-os-Montes

Relativamente às questões fitossanitárias, os principais produtos da Terra Fria (castanha e noz) apresentam percentagens de “defeito” reduzidas para as principais pragas – Bichado da castanha (*Cydia splendana*) e Bacteriose da noqueira (*Xanthomonas* sp.). Segundo os produtores, as amostras efetuadas até à data dão resultados baixos, o que pode ser indicativo de produtos de boa qualidade.

Nos soutos, mantém-se a preocupação relativa à propagação de certa forma exponencial da Vespa da Galha-dos-Castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*).

Também o olival desta região transmontana – com maior representatividade em Izeda, Rebordelo, Milhão, Rio Frio, Coelhooso e Babe – apresenta frutos em bom estado fitossanitário, observando-se pontualmente frutos picados pela Mosca da Azeitona (*Dacus oleae*), que pode provocar estragos de ordem quantitativa e qualitativa.

Grande parte dos produtores refere não ter realizado aplicações de fitofármacos nos olivais, embora as condições meteorológicas sejam favoráveis ao desenvolvimento de Gafa (*Colletotrichum acutatum* e *C. gloeosporioides*). Na fase de maturação dos frutos, se as temperaturas amenas se associarem a precipitação frequente, pode ocorrer o desenvolvimento exponencial desta doença, cujas perdas podem ser minimizadas pela colheita antecipada do fruto, nomeadamente nas variedades “Cobrançosa” e “Madural”.

No olival da Terra Quente também se registaram alguns ataques de Mosca da Azeitona. Contudo, e como grande parte dos olivais desta região se encontra em modo de produção biológico, o custo dos tratamentos é demasiado elevado e os produtores optaram por não os realizar.

Confirmaram-se as suspeitas de infeção de marmeleiros por Fogo Bacteriano (*Erwinia amylovora*) no Douro Sul, levando à notificação do proprietário do pomar afetado e ao estabelecimento de medidas de controlo da doença.

Reforça-se a necessidade de dar especial atenção ao material de poda, cuja desinfeção deve ser realizada entre plantas. Aconselha-se a poda separada das árvores visivelmente infetadas – antes ou depois das restantes.

Para mais informação sobre esta matéria, sugerimos que seja consultada a página da Direção Geral de Alimentação e Veterinária, através do seguinte link:

<https://www.dgav.pt/?s=fogo+bacteriano>

Em outubro o Serviço de Avisos não emitiu circulares para Trás-os-Montes. Contudo, foi divulgado por estes Serviços um convite para uma Sessão de Divulgação do projeto PRR “SAP4CircularAgriculture”, no qual a CCDR Norte é parceira e que decorreu em Mirandela no dia 30 de outubro.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Trás-os-Montes

Os produtores de cereais praganosos do Planalto Mirandês já começaram (lentamente) a preparação dos solos para as sementeiras que estão um pouco atrasadas, assim como a germinação das plantas, dado que as condições do clima, humidade dos solos, temperatura e (ausência de) precipitação estão a travar o desenvolvimento destas culturas.



Figura 17. Parcela com o solo preparado para trigo, mas na qual ainda não foi realizada a sementeira, 10.10.2025, concelho de Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

Na Terra Fria os produtores também se preparam para o novo ano agrícola, no que diz respeito às culturas cerealíferas. As parcelas que estiveram em pousio este ano serão as próximas a ser usadas na campanha cerealífera que se segue, pelo que já foram alvo das mobilizações de solo e da incorporação de matéria orgânica que antecede a sementeira. Estas operações foram realizadas durante os meses de setembro e início de outubro e a sementeira será realizada assim que as condições meteorológicas o permitam.

Os comerciantes locais declaram que a procura dos produtores por fertilizantes para as adubações de fundo é baixa e que estes preferem investir apenas na adubação de cobertura. Também declaram que a procura por sementes é pouco significativa.

O preço do grão mantém-se baixo e os produtores pecuários são os que mais área semeiam para produção de grão e palha para alimentação animal, prevendo-se que a área semeada seja muito semelhante à do ano anterior.

Neste momento produzir culturas cerealíferas não é lucrativo para as explorações agrícolas, com as áreas a serem gradualmente ocupadas por outras culturas e os cereais do Nordeste Transmontano a entrar em declínio.

Também na Terra Quente são visíveis as lavouras de preparação para as sementeiras, que ainda não foram iniciadas.

4 Milho Grão de Sequeiro e Regadio

4.1 *Entre Douro e Minho*

Em relação ao milho grão, estão por colher em muitos campos, os milhos semeados em meados de junho, os ciclos mais tardios e milhos de terras mais lentas (com maior capacidade de retenção de humidade).



Figura 18. Secagem do milho no campo em parcela de milho de regadio com espigas grandes e bem formadas, Cubalhão – Melgaço, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 19. Milho grão de regadio semeado no final do mês de junho, Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 20. Pequena parcela de milho grão semeada a 20 de junho, Vila Nova de Gaia, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia

A produção de milho de regadio é inferior à do ano passado, com variações de -6%, provocadas pela utilização de sistemas de rega menos eficientes, apesar de haver disponibilidade de água. As elevadas temperaturas que se fizeram sentir por três meses consecutivos também contribuíram para essa redução.

A produção de milho de sequeiro teve também uma quebra, ainda que menos acentuada (-4%), variando consoante as características do solo e a sua capacidade de retenção de água. Outros dois fatores responsáveis pela quebra de produção foram a má polinização (devido às elevadas temperaturas) e os ataques de Broca. As colheitas decorreram com tempo seco, o que beneficiou bastante a qualidade da silagem e do grão, especialmente quando comparada com a de 2024, cujo vendaval tombou e partiu muitas plantas.

O preço pago pela Ucanorte no ano passado foi 223€/tonelada e este ano é 216€/tonelada de milho seco, o que está a deixar os agricultores muito desanimados.

Continuam a verificar-se prejuízos provocados pelo javali, um pouco por toda a sub-região.

4.2 Trás-os-Montes

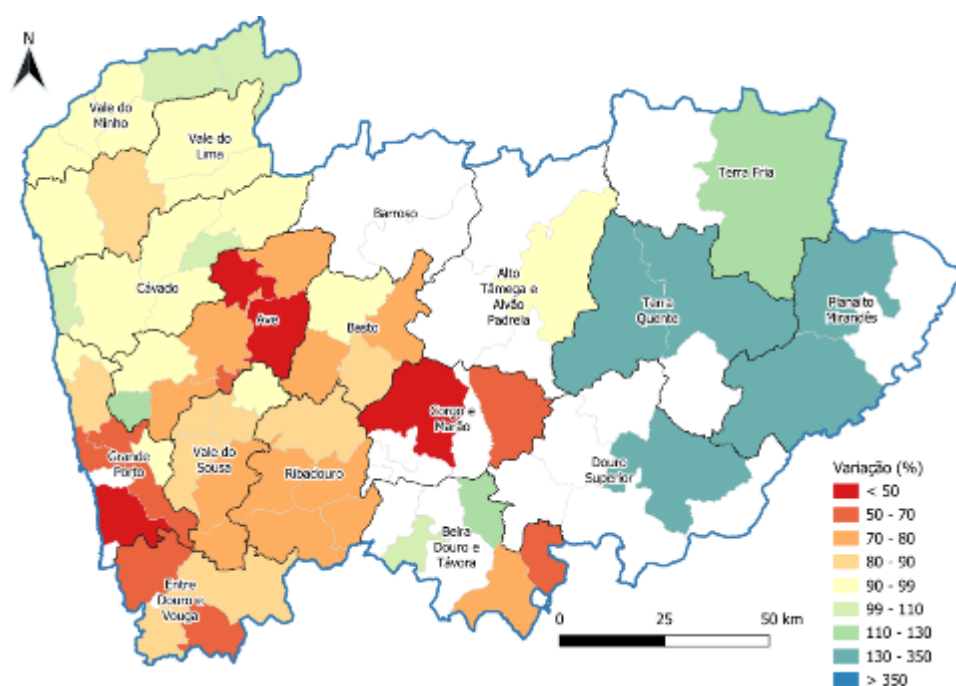
A cultura do milho na Terra Fria – em regime de regadio, mas também de sequeiro – foi mais produtiva, assumindo valores normais para a área de observação.

No Planalto Mirandês, apesar do ano ter sido um pouco seco, a cultura encontra-se de forma geral em bom estado e desenvolvimento vegetativo. O mesmo se passa na área de observação da Terra Quente.



Figuras 21 e 22. Cultura de milho e aspeto da maçaroca, Vale de Porco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Mapa 1. Evolução da produção de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

5 Leguminosas secas – Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

As colheitas foram concluídas nos meses anteriores, com boas condições para a secagem, debulha e armazenamento dos grãos. Contudo, dificuldades de formação e enchimento das vagens resultaram numa produção inferior (-5%), relativamente ao ano passado.

6 Hortas familiares

6.1 *Trás-os-Montes*

As hortas familiares de inverno, que foram instaladas no final do verão, estão em razoável estado vegetativo. É frequente observar-se as típicas couves pencas e as rabas muito utilizadas na gastronomia natalícia, que se encontram em bom estado vegetativo.

Em bom estado de desenvolvimento encontramos também o nabo, que pode ser usado para a alimentação animal como forrageiro ou na alimentação humana, por ser um legume de excelência, do qual se aproveitam a raiz, as folhas e os grelos.

Em campo encontramos ainda as abóboras, que não foram recolhidas na totalidade pois os frutos deste ano eram pequenos, com a cultura a apresentar produtividades muito abaixo do normal para a Terra Fria, consequência de um verão muito seco.



Figuras 23 e 24. Parcelas de horta familiar, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No Planalto Mirandês as hortas familiares dão neste momento os seus derradeiros frutos – abóboras (que se não servirem para consumos humano servirá para alimentar os animais), tomate, pimento, batata doce (algumas destas espécies plantadas propositadamente mais tarde para providenciarem alimento tardio), feijão e couve de inverno. Todos estes produtos poderão ser guardados nas dispensas/congeladores dos produtores, para consumir durante o inverno.



Figuras 25 e 26. Parcelas de horta familiar, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

7 Fruticultura

7.1 *Entre Douro e Minho*

Actinídeas (kiwi)

Os pomares de kiwi estão na fase final da maturação, prevendo-se o início da colheita para a primeira semana de novembro. Este ano há mais fruto devido ao maior número de horas de frio, embora se constate que durante este período o crescimento dos frutos não foi regular, observando-se heterogeneidade nos calibres.

As temperaturas elevadas das últimas semanas não favoreceram o desenvolvimento do °Brix dos frutos, tendo havido necessidade de manter a rega até dia 18 de outubro, pois o tempo ia quente e seco e esta cultura precisa de muita humidade.



Figura 27. Pomar de kiwi, variedade "Hayward", com condução em pérgula, Arouca, zona de observação de entre Douro e Vouga
 Foto por: Isabel Correia

Durante a primavera foi identificada uma nova praga da cultura – o Percevejo Marmoreado Castanho (*Halyomorpha halys*), já referenciada no capítulo 2., cuja população foi aumentando e só agora são visíveis os estragos ao nível do fruto. Há concelhos (ex. Valença) em que mais de 50% da área em produção está afetada pela praga, não sendo ainda possível estimar os prejuízos.



Figura 28. Kiwi, frutos em crescimento, com desfolha prematura, Amares, zona de observação do Cávado
 Foto por: Maria Laura

Só aquando da calibração da fruta será possível fazer essa avaliação e os próprios entrepostos de recolha da fruta estão nesta fase a estudar o assunto.

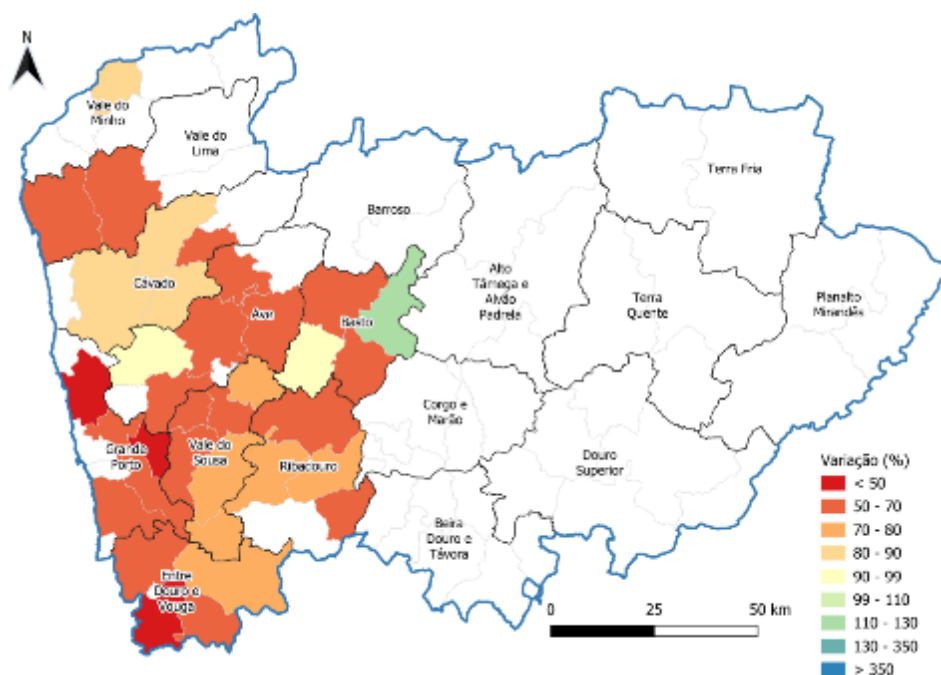
Contudo, a previsão continua a apontar para um aumento significativo na produção (+14%).

Manifesta-se alguma pressão na procura de frutos, com provável subida de preço à produção. A colheita do kiwi amarelo já começou no início do mês, por ser uma variedade temporã.



Figuras 29 e 30. Colheita de kiwi da variedade "Dori" (amarelo), Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Fotos por: Isabel Correia



Mapa 2. Evolução da produção do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Amendoeiras, Nogueiras, Castanheiros

Estima-se que a produção da amêndoa no EDM seja idêntica à do ano passado.

Em relação à noz, a produção será maior (+4%), face aos valores do ano passado.

Os produtores que não realizaram tratamentos fitossanitários tiveram ataques da Mosca da Casca Verde (*Rhagoletis completa*) e as nozes ficaram estragadas. A casca não se solta e com a humidade apresenta-se seca e escurecida, acabando por apodrecer.

Na castanha, por comparação com o ano anterior, prevê-se uma ligeira diminuição (-4%), que ainda é cedo para confirmar, uma vez que está a decorrer a apanha do fruto. Muitos soutos pertencem a agricultores mais idosos e a colheita já não pode ser realizada só com a mão-de-obra familiar, motivo pelo qual muitos dos produtores decidem não a efetuar.



Figura 31. Castanheiro de variedade desconhecida, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

As condições climáticas do final do verão e início do outono, com temperaturas elevadas e precipitação quase nula, prejudicaram o engrossamento dos ouriços e o desenvolvimento dos frutos, por falta de água no solo, resultando em menor produção e castanhas de boa qualidade, mas de calibre pequeno (possivelmente devido à seca).

Embora apareça uma ou outra castanha furada pelo Bichado (*Cydia splendana*), o fruto é maioritariamente são.

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Aveleiras, Nogueiras, Castanheiros

A cultura da amêndoa sofreu quebras de produtividade nesta campanha, associadas – como já foi referido em Boletins anteriores – ao mau vingamento dos frutos, ao período de seca e stress hídrico elevados e ainda aos graves incêndios, que destruíram pomares e a sua produção.



Figura 32. Pomar de amendoeiras em regime de regadio e modo de produção biológico, Trevões – São João da Pesqueira
 Foto por: Suzana Fonseca

Apesar disso, as condições meteorológicas de seca favoreceram a colheita e secagem da amêndoa, melhorando o processo de descasque e britagem, bem como as condições de conservação do grão.



Figuras 33 e 34. Unidade industrial de armazenamento, descasque e britagem de amêndoa, Trevões – São João da Pesqueira

Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 35 e 36. Grão de amêndoa biológico (esq.) e respetiva casca, com elevado potencial calorífico (dir.), Trevões – São João da Pesqueira

Fotos por: Suzana Fonseca

Na Terra Quente deu-se por concluída a apanha da amêndoa, com o fruto a apresentar uma casca muito fina, contribuindo para a melhoria dos rendimentos.

Os pomares situados a cotas mais baixas e mais quentes, apresentam maiores quebras, resultado de uma floração mais antecipada e de correntes de ar noturnas, que influenciaram negativamente o vingamento do fruto.

A amêndoa apresenta baixos teores de humidade, uma vez que o fruto se desenvolveu num clima de secura e de temperaturas elevadas.

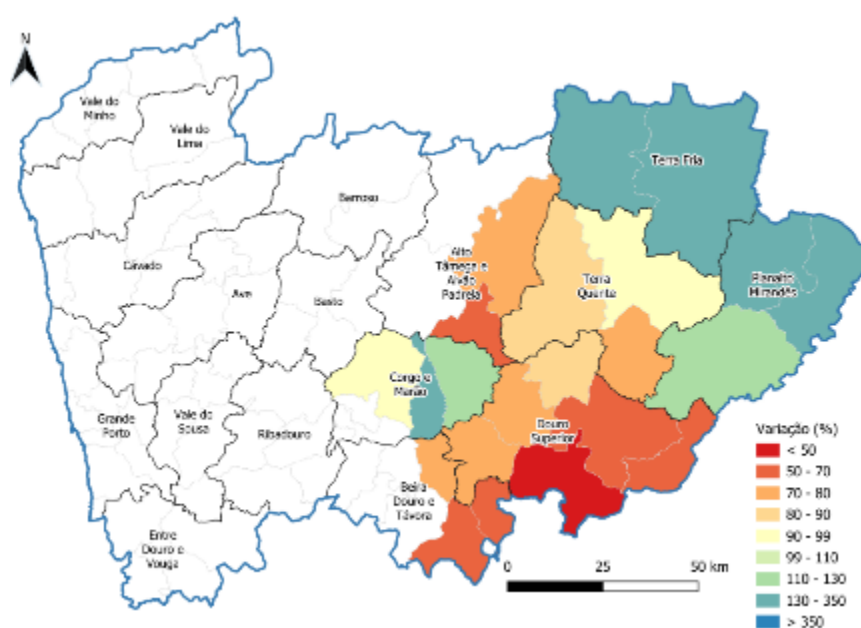
Estima-se que a quebra da produção de amêndoa com casca ronde os 40%, embora em termos de miolo essa quebra seja menor, devido ao bom rendimento verificado.

As plantas encontravam-se esgotadas e as chuvas entretanto ocorridas deverão permitir uma boa recuperação, estimulando a absorção de nutrientes indispensáveis à reposição das reservas de energia, para um bom desenvolvimento no novo ciclo vegetativo.



Figura 37. Apanha mecânica de amêndoa, por recurso a vibrador de “chapéu”

Foto por: Paulo Guedes



Mapa 3. Evolução da produção da amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

A campanha de colheita de avelã na Terra Fria decorreu com normalidade e já está concluída. Em geral, os pequenos produtores declaram que este ano os frutos apresentam boa qualidade e bom calibre, referindo que as produtividades e a produção total são superiores, quando comparado com o ano anterior, decorrentes do aumento de produtividade dos jovens pomares.

Nesta zona da região transmontana a campanha de recolha da noz começou a 14 de outubro, em igual período do ano anterior, decorrendo sem percalços. No início da campanha as temperaturas estiveram elevadas e houve ausência de precipitação e neste momento os produtores estão na fase de apanha, secagem e calibragem. A procura é baixa e ainda não se verificaram trocas comerciais significativas.



Figura 38. Aspeto da noz no secador, outubro 2024, Quintela – Vinhais

Fotos por: Castanoz Agricultura, Lda



Figura 39. Aspeto da noz no secador, outubro 2025, Quintela – Vinhais

Segundo declarações dos produtores, os calibres são ligeiramente inferiores quando comparados com a campanha anterior (ver fotos 38 e 39), verificando-se também assimetrias maiores entre os frutos da mesma variedade (ver fotos 39 e 40). No entanto, a qualidade da noz é boa, quer na variedade “Franquette”, quer na “Fernor”, com o grão a apresentar-se em excelente estado e a taxa de defeito até à data a ser baixa – cerca de 1%.



Figura 40. Aspeto da noz já seca, outubro 2025, Quintela – Vinhais

Fotos por: Castanoz Agricultura, Lda

Estamos perante uma campanha próxima da normalidade para a Terra Fria, com produtividade semelhante à da campanha anterior e cada vez mais plantas a entrar em plena produção. Os maiores produtores de noz garantem que têm a produção toda vendida e que seria necessária maior quantidade de noz para satisfazer a procura atual.

A campanha da castanha encontra-se em diferentes fases na região transmontana.

Na Terra Fria já se iniciou e decorre dentro da normalidade, embora atrasada em resultado das condições meteorológicas, que impactaram o arranque da colheita.

A campanha iniciou-se com tempo muito quente e seco, mas neste momento decorre dentro das condições normais para a época do ano e para a região em particular, com a precipitação ocorrida a partir do dia 19 a ajudar a castanha a hidratar e a ganhar peso.

A humidade e as temperaturas baixas são fundamentais para garantir a qualidade e o poder de conservação deste fruto.

Até à presente data a castanha temporã já recolhida apresenta boa qualidade em termos sanitários, com os castanheiros a melhorar o estado vegetativo e a recuperar do stress hídrico que estava a comprometer a cultura, quer em Bragança, quer em Vinhais (ver fotos 41 a 44). O calibre do fruto deste ano é inferior, se compararmos com igual período do ano anterior.



Figuras 41 e 42. Aspeto de um souto jovem e dos ouriços abertos, Martim – Bragança

Fotos por: Elza

Os ventos fortes que ocorreram a partir do dia 19 e a precipitação fizeram a castanha temporã cair sobre o solo, nas variedades mais precoces como a “Verdeal”, “Bária”, “Aveleira”, “Côta”, “Galega” e “Martaínha” (atualmente em colheita e comercialização). Os canais de comercialização estão a começar a funcionar – as feiras e as festividades estão próximas e o consumo iniciou-se, com a situação mais favorável do que no início da campanha.

Relativamente à produtividade, os relatos são divergentes – existem produtores que referem que há menos castanha e de calibre inferior e existem outros produtores que asseguram ter mais castanha que na campanha anterior, mas também de calibre inferior.

Alguns ouriços apresentam 3 castanhas, de calibre inferior, e com grande heterogeneidade na frutificação conforme as zonas.

Existem muitos soutos jovens a entrar em produção e a estimativa é sempre feita para a área total da cultura (independente de estar ou não em plena produção). A produtividade apontada para a Terra Fria no Boletim do mês anterior vai ser revista, considerando-se assim a entrada em plena produção dos soutos instalados nos últimos anos e mantendo-se o valor entre os 900-1000kg/hectare.



Figuras 43 e 44. Aspeto do castanheiro e da castanha caída sobre o solo, Martim – Bragança

Fotos por: Elza

No Planalto Mirandês a campanha da castanha ainda não teve início, com a cultura a apresentar frutos em bom estado vegetativo e com um desenvolvimento semelhante, face ao mesmo período de 2024.



Figuras 45 e 46. Diferentes parcelas de jovens castanheiros, Bruçó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Os relatos dos produtores, associados ao verificado em campo, diz-nos que as plantas e os frutos estão sãos e livres de ataques de pragas ou fungos, esperando-se que os fungos não venham a representar problema nesta campanha, devido ao período seco que se atravessa. Por outro lado, esse mesmo período de precipitação quase nula pode representar uma ligeira quebra na produção esperada.



Figuras 47 e 48. Aspeto dos ouriços a começar a abrir e localizados na mesma parcela, 14.10.2024 (esq.) e 13.10.2025 (dir.), Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 49 e 50. Pormenor de ouriços um pouco menos desenvolvidos que os das fotos anteriores, em diferentes parcelas, 14.10.2024 (esq.) e 13.10.2025 (dir.), Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 51 e 52. Castanheiro velho de grande porte e aspeto dos seus ouriços, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 53 e 54. Pomar de castanheiros jovens adultos e seus ouriços, Bruçó - Mogadouro. OS castanheiros de todas as idades gozam de um bom estado vegetativo

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente, a queda dos frutos iniciou-se este mês, um pouco mais tarde que em anos anteriores, visto que os ouriços se encontravam pouco desenvolvidos.



Figuras 55 e 56. Castanheiros antigos na Terra Quente e pormenor da castanha

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 57. Castanheiro muito produtivo, com ouriços e castanhas de reduzida dimensão, mas cuja produção supera a do ano anterior

Foto por: Paulo Guedes



Figura 58. Souto jovem na Terra Quente, com boa produção

Foto por: Paulo Guedes

Sendo uma cultura feita essencialmente na condição de sequeiro, depende muito de alguma precipitação que ocorra no final do verão/início do outono.

Este ano a seca prolongou-se durante mais tempo, tendo afetado significativamente o crescimento dos ouriços – o número é abundante, mas muitos deles são de pequena dimensão e não abrem para soltar a castanha. Alguns dos inúmeros ouriços que há cerca de um mês ainda se perspectivavam como úteis não se desenvolveram o suficiente, principalmente em árvores mais adultas.

Nas zonas de cota superior a 700m verifica-se um aumento da produção, já nas zonas mais baixas e quentes – onde a falta de água se fez sentir com maior intensidade – os ouriços ficaram subdesenvolvidos e a produção foi menor. Não obstante, nesta zona existe castanha em grande quantidade, mas de calibre pequeno e de menor valor comercial.

Neste momento, e comparativamente ao ano anterior, a estimativa aponta para um aumento de produção na Terra Quente.

No Douro Sul já teve início a campanha de colheita da castanha, que este ano será consideravelmente mais curta, devido à baixa quantidade de fruto disponível.

Os graves incêndios do último verão destruíram boa parte das árvores dos Soutos da Lapa DOP (espécimes com muitos anos e de grande dimensão), com implicações não só na produção de 2025, mas também dos próximos anos, visto que esta cultura necessita de muito tempo, após a instalação do pomar, para entrar em plena produção.

Para além disso, as condições de stress hídrico no período estival condicionaram o desenvolvimento da castanha, que se apresenta em menor quantidade e com calibre inferior ao normal.



Figuras 59 e 60. Souto de grandes dimensões, que “escapou” aos incêndios de verão na DOP Soutos da Lapa, com elevado número de ouriços, 08.10.2025, Penela da Beira – Penedono

Fotos por: Suzana Fonseca

Segundo os produtores da região, grande parte dos ouriços estão vazios ou têm apenas uma castanha “boa”. Contabilizam-se ainda ocorrências de Bichado da Castanha (*Cydia splendana*), com a consequente desvalorização do produto.

No último fim de semana de outubro decorreu a Feira da Castanha de Sernancelhe, onde os produtores tiveram oportunidade de escoar parte da produção colhida até essa data.

Durante o mês de outubro foi possível constatar a recuperação natural de algumas das áreas ardidas de castanheiro. Soutos inteiros, que tinham ardido completamente, apresentam sinais de regeneração, com pequenas folhas a brotar dos ramos queimados.

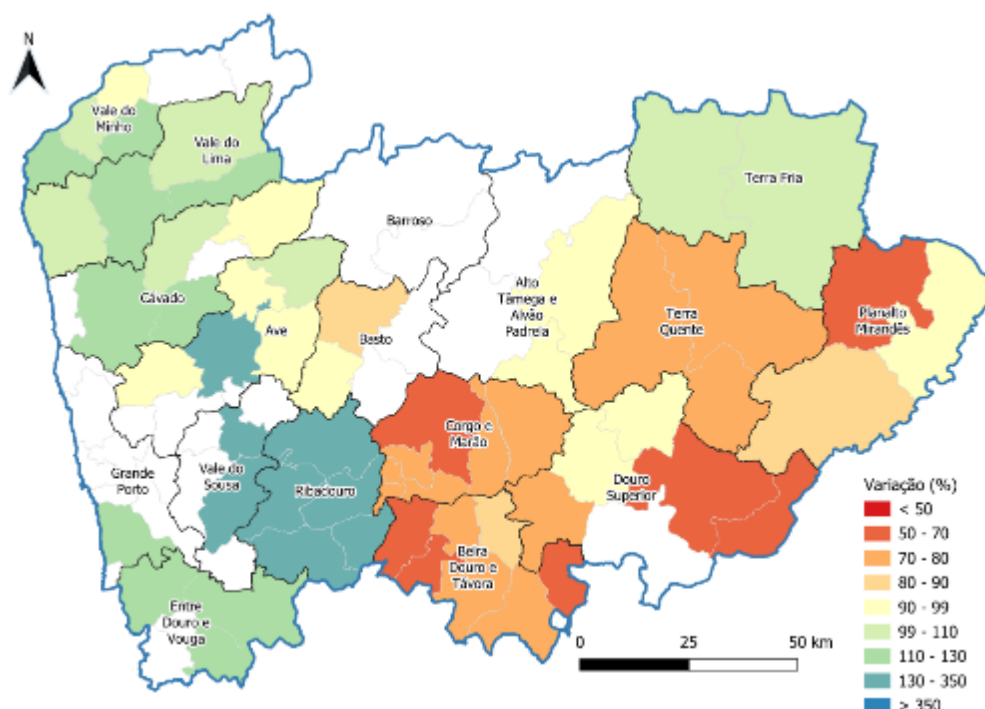
Não será uma recuperação total, nem tão pouco imediata, mas é um sinal de esperança para muitos dos produtores que perderam por completo a sua fonte de rendimentos.



Figuras 61 e 62. Souto que ardeu completamente e que apresenta sinais de recuperação, 08.10.2025, Penela da Beira – Penedono

Fotos por: Suzana Fonseca

Em termos de produtividade, mantêm-se as previsões apresentadas no mês anterior, com quebras estimadas na casa dos 20% (para a Beira Távora e Varosa).



Mapa 4. Evolução da produção da castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

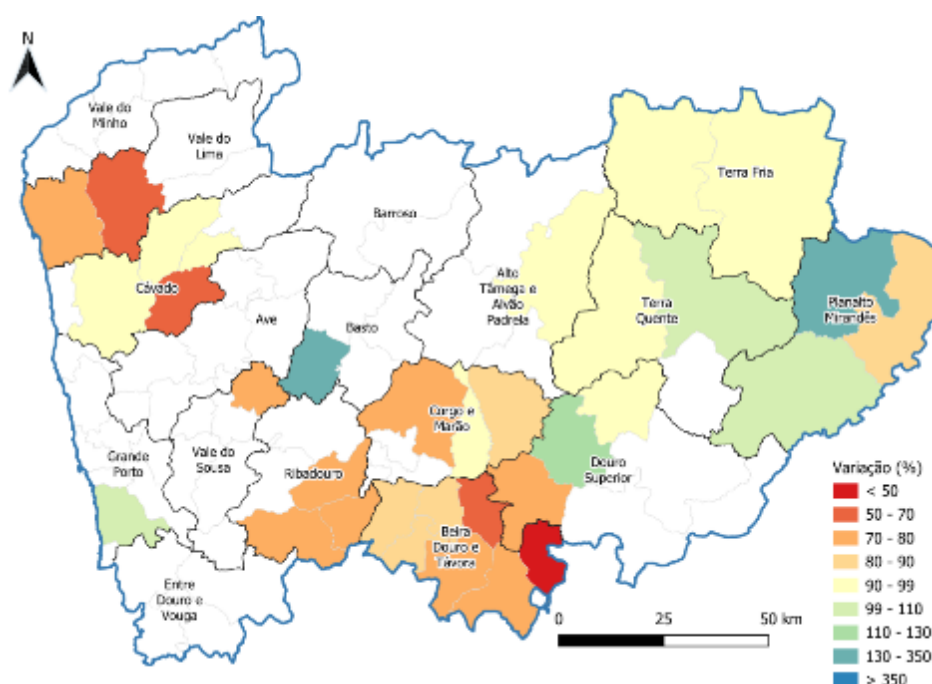
Pomóideas

Como indicamos em Boletins anteriores, a produção de pomóideas no Douro Sul foi prejudicada pelas condições meteorológicas, que afetaram o vingamento dos frutos e foram responsáveis pela intensidade de ataque de Pedrado (*Venturia inaequalis*) e de Bichado (*Cydia pomonella*).

As elevadas temperaturas registadas no verão também dificultaram a maturação das maçãs e condicionaram a qualidade dos frutos e a sua capacidade de conservação futura, havendo várias situações de “bitter pit”.

A maioria da colheita foi realizada durante o mês de outubro, prevendo-se que termine nos primeiros dias de novembro (nalgumas variedades tardias, como a “Fuji” e alguma maçã de refugo).

Só no final será possível apurar com maior exatidão os dados de produtividade e produção, mas neste momento é perceptível que um volume considerável da produção foi encaminhado para refugo, pelos motivos já citados.



Mapa 5. Evolução da produção de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Pessegueiros

Na Terra Quente concluiu-se a apanha do pêssigo, sendo que a qualidade do fruto foi boa.

8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho

As condições climatológicas foram bastante favoráveis e beneficiaram a qualidade das uvas, estimando-se, contudo, uma diminuição acentuada da produção de uva de mesa (-10%), no total dos 18,5 hectares existem no EDM.

Na zona do Alvarinho, a vindima de uvas para vinho terminou ainda no final do mês de setembro, tendo decorrido com alguns períodos de chuva.

No final da vindima havia alguma podridão, principalmente nas uvas da casta “Trajadura”, mas no global a qualidade foi muito boa.

Os dados finais da vindima, nomeadamente os recolhidos junto das adegas cooperativas e de particulares, vieram ao encontro das nossas estimativas anteriores, que apontavam para acréscimos de 11% na produção, por comparação com o ano passado.

No que diz respeito à comercialização, para já, na zona do Alvarinho ainda se mantêm expectativas positivas, mas com muita cautela, pois a conjuntura não é favorável. Já houve viticultores com dificuldade em comercializar a uva, pois vendiam a operadores de fora da região que deixaram de comprar.



Figura 63. Vinha em Tresouras – Baião 10.10.2025, zona de observação de Ribadouro

Foto por: Joaquim Moreira

Na restante sub-região, a fase final de maturação das uvas e o período das vindimas decorreram em condições climatéricas bastante favoráveis à qualidade e facilitaram a colheita. A estimativa de produção é de um muito ligeiro aumento (+1%) em relação à campanha anterior. A qualidade fitossanitária das uvas foi muito boa – cachos perfeitos, de onde resultaram mostos com teor alcoólico elevado, acidez equilibrada e tendencialmente menos aromáticos, devido a menor amplitude térmica diária.

Enquanto se mantiver o embargo para a Rússia, vai-se prolongar o constrangimento no escoamento de grandes stocks, já que 60% da produção tinha como destino aquele país. A reorganização do sector vai no sentido de maiores exigências na qualidade da uva (não há compradores para uva com 8º), condições de receção da uva (a Aveleda passou a exigir entrega de uva em dias marcados previamente, com descarga em reboques basculantes) e profissionalização do sector. Por estes motivos houve produtores que não tiveram comprador.

8.2 Trás-os-Montes

No mês de outubro terminou a campanha das vindimas na região transmontana, que no geral correu bem.

Na Terra Fria, e segundo declarações dos responsáveis da principal unidade de transformação localizada em Rebordelo, a campanha decorreu sem percalços, com as castas brancas e tintas a apresentarem-se com excelente qualidade e elevado teor de açúcar. As uvas cresceram e maturaram com ausência de precipitação, tendo dado origem a mostos de excelente qualidade e maior teor alcoólico (valor médio de 13.6% Vol. nas uvas tintas e 13.2% Vol. nas uvas brancas). Ainda de acordo com os mesmos responsáveis, este ano a unidade recebeu menos 48% de uvas em relação ao ano anterior, com uma diminuição de sócios de 30% no global, correspondendo a uma diminuição significativa de produção para a Terra Fria, na ordem dos 35%.

Este valor foi significativo e reflete a realidade da campanha para a região, que se revelou menos produtiva que as duas últimas campanhas e o normal para esta área de observação.

Também se constatou que a quantidade de uvas brancas entregues tem diminuído ao longo dos anos, por substituição por castas tintas.

Este ano estamos perante mostos de elevada qualidade que resultarão, certamente, em vinhos de excelência.

No Planalto Mirandês a campanha também decorreu bem, com eventuais baixas na produtividade a ter lugar apenas em parcelas com solos mais pobres e com uma inversão das previsões do Boletim anterior, preconizando neste momento uma permanência/equivalência às produções reportadas em 2024, considerado um bom ano para a cultura da vinha.

Nesta campanha obtiveram-se uvas com bom teor alcoólico (média mais alta de cerca de 13,3°), dado o facto de ter sido um ano seco.



Figuras 64 e 65. Parcela de vinha vindimada, na qual é visível o bom estado dos bagos de uva sobrantes, reflexo duma campanha que em geral decorreu sem problemas e sem relatos de incidência de míldios ou oídios, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

No final das vindimas, confirmam-se as quebras de produção de uvas para vinho estimadas nos Boletins anteriores, mais acentuadas nas sub-regiões do Baixo Corgo e do Douro Superior.



Figura 66. Parcela de vinha já vindimada, 08.10.2025, Trevões – S. João da Pesqueira

Foto por: Suzana Fonseca

Os produtores referem ter sido um ano particularmente mau em termos sanitários, agravado pelas condições de stress hídrico a que as plantas estiveram sujeitas durante o período estival.

Ao contrário das expectativas iniciais, e face às quebras de produção, acabou por se verificar uma procura de uvas significativa por parte das adegas de maior dimensão.

A vinha, enquanto cultura fortemente enraizada no nosso país, bem-adaptada e com uma capacidade de regeneração enorme, deixa-nos uma lição de força e resiliência.

Algumas das vinhas destruídas pelos incêndios do último verão no concelho de Sernancelhe apresentam sinais de regeneração natural, com as plantas a emitirem rebentação nova no início do mês de outubro. cremos que este processo ocorra noutras áreas ardidas.

À semelhança do que se passa com os castanheiros, a recuperação total não será um processo rápido nem generalizado e a produção dos próximos anos continua comprometida.

Mas permitirá avaliar, na próxima campanha, a severidade dos prejuízos causados e quais as áreas que efetivamente necessitam de ser replantadas.



Figura 67. Área de vinha ardida em agosto, com sinais de recuperação, 08.10.2025, Ferreirim - Sernancelhe

Foto por: Suzana Fonseca

9 Olival

9.1 Entre Douro e Minho



Figura 68. Oliveira com boa carga de frutos, Meixedo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Nos olivais de azeitona para azeite esperam-se produções muito superiores às do ano anterior. A colheita já se iniciou e, onde foram realizados tratamentos contra a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*), a azeitona é de boa qualidade.

Na zona de observação do Minho coloca-se o problema da transformação, uma vez que um dos lagares do Vale do Lima onde se laborava grande parte da azeitona dos concelhos do Vale do Minho fechou. Temos conhecimento de dificuldades de marcação em outros lugares, nomeadamente em Ponte da Barca e Barcelos, que se apresentam como as alternativas mais próximas.

O lugar de Bravães, zona de observação do Lima, iniciou a receção e laboração da azeitona a 13 de outubro – mais cedo em comparação com o ano anterior. No entanto, devido à enorme afluência dos agricultores para marcação e transformação da azeitona, o lugar tem registado filas de espera superiores ao esperado.

Aparentemente esta é uma campanha onde muitos agricultores decidiram retomar a apanha, após terem desistido da colheita em anos anteriores, devido à escassez de azeitona e da dificuldade associada à sua colheita.

O facto de o azeite estar muito caro também incentiva a concretização da colheita (seja para autoconsumo, seja para venda posterior).

Quanto à qualidade do azeite obtido, até ao momento tem sido boa.



Figura 69. Pormenor de um ramo de oliveira com boa carga de fruto já maduro, Arouca, zona de observação de entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

Dos lagares que pertencem ao agrupamento de concelhos do Vale do Cávado fazem parte o Lagar de Cossourado, em Barcelos, que abriu portas no dia 10 de outubro e o Lagar de Devesa do Cávado, em Amares, que irá abrir no início do mês de novembro. A abertura dos restantes lagares está prevista também para o mês de novembro.

As condições climatéricas neste período de observação foram favoráveis a esta cultura, sem pressão de doenças ou pragas, designadamente Olho de Pavão (*Spilocaea oleagina*), Gafa (*Colletotrichum* sp.) e Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*), mas as chuvas dos últimos dias de outubro poderão alterar este cenário.

A estimativa é de um aumento muito considerável da produtividade (2,4 vezes mais), por comparação com o ano transato, cientes de que poderão ser muito superiores, se as condições meteorológicas permitirem a colheita e se forem ultrapassadas as dificuldades na transformação.

9.2 Trás-os-Montes

Com foi referido em Boletins anteriores, verifica-se uma grande heterogeneidade na quantidade de azeitona prevista para esta campanha.

Na Terra Fria, existem oliveiras das variedades “Madural”, “Verdeal” e “Cobrançosa” com muita azeitona e outras, da variedade “Santulhana”, praticamente sem azeitona.

Neste momento os olivais apresentam um bom estado vegetativo e os frutos estão na fase de engorda e a iniciarem a maturação muito em breve. No geral, observa-se menos azeitona que em igual período do ano anterior.

No Planalto Mirandês também encontramos a azeitona em bom estado vegetativo, embora com semelhante heterogeneidade (em função da altitude, do tipo de solo, orientação e geografia do terreno, ...).



Figuras 70 e 71. Olival jovem e pormenor da sua azeitona, Vale de Porco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

A primeira azeitona – para conserva – comumente designada para “embarque”, já começou a ser colhida e, de modo quase genérico, verifica-se uma ligeira redução na produção de azeitona face a 2024.



Figuras 72 e 73. Oliveira antiga e pormenor da sua azeitona, Vale de Porco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente, o olival é desenvolvido como uma cultura predominantemente de sequeiro. Pese embora a oliveira tenha um elevado grau de rusticidade e de adaptação ao meio em que está inserida, a seca deste ano teve uma grande influência no seu desenvolvimento vegetativo. Esta situação foi de certa forma atenuada pela precipitação ocorrida no último terço deste mês.

No entanto, e apesar de se verificar um aumento do tamanho do fruto, esse já não se virá a traduzir num aumento da quantidade de azeite extraído, visto que a campanha de colheita está prestes a iniciar-se e ainda assim com um atraso de cerca de 15 dias em relação a anos anteriores. A perspetiva de produção é muito inferior em relação ao verificado no ano anterior.



Figuras 74 e 75. Olival e aspeto atual da azeitona na Terra Quente

Fotos por: Paulo Guedes

No Douro Sul, e tal como referimos no Boletim de setembro, as expectativas não são muito animadoras.

A precipitação ocorrida na segunda quinzena do mês já veio um pouco tarde e não foi suficiente para produzir alterações na qualidade e no calibre da azeitona de mesa produzida nos concelhos de Freixo-de-Espada-à-Cinta, Torre de Moncorvo e Vila Nova de Foz Côa. Esta é, na região Norte, a zona de produção de azeitona de conserva por excelência, onde boa parte dos olivais têm instalados sistemas de rega para aumentar o calibre dos frutos obtidos.

Contudo, as condições meteorológicas verificadas no último verão, com temperaturas extremamente elevadas e precipitação nula, colocaram as plantas em situação de stress hídrico intenso, difícil de contrariar mesmo com recurso à rega.

A colheita já teve início e os principais produtores da região estão bastante desanimados, pois a azeitona apresenta calibres muito reduzidos, abaixo do expectável. Os frutos apresentem-se em bom estado sanitário, mas nem todos serão aproveitados para conserva. As perdas de produtividade/produção/rendimento económico de azeitona de mesa serão elevadas, com os frutos mais pequenos a serem mais tarde encaminhados para os lagares, onde serão transformados em azeite. Mantêm-se as previsões de quebras na ordem dos 40-50% para esta região.

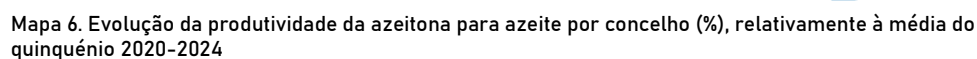
No que diz respeito à produção de azeitona para azeite, também se preveem algumas quebras de produção, ainda que mais reduzidas.

Certo é que as descidas de temperatura e a precipitação ocorrida no mês de outubro já produziram alguns efeitos nas plantas, revertendo a situação de “azeitonas mirradas” visível nos meses anteriores.

Por todo o Douro Sul encontramos árvores cheias de azeitona e outras em que quase não temos frutos. Será necessário aguardar mais um pouco para fazer uma estimativa mais aproximada da realidade, pois como se diz em alguns locais “só a 08 de dezembro é que o azeite sobe à oliveira”.



Figura 77. Oliveira no início da fase de maturação dos frutos, 08.10.2025, Espinhos - Trevões



10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 Entre Douro e Minho



Figura 78. Prados e pastagens temporárias, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

O início da precipitação interrompeu o longo período de seca e garantiu a necessária humidade para a emergência das espécies de outono/inverno das pastagens de sequeiro e das pastagens pobres. As gramíneas têm nova rebentação, mas ainda predomina o tojo, a carqueja e a urze, pelo que os animais têm de percorrer maiores distâncias para se alimentar e procurar fontes de alimento alternativas.

As pastagens de regadio estão verdes e com bons crescimentos, graças à rega e às temperaturas amenas que se têm feito sentir.

Em relação às produções das culturas forrageiras, estima-se uma redução de -4% no milho e no sorgo forrageiros, relativamente ao ano passado.

Grande parte das explorações tem uma percentagem de área de sequeiro, resultado da estrutura fundiária de minifúndio, sendo que algumas parcelas não têm água. Dessa forma, a produção total obtida varia em função do domínio do sequeiro.

Continuam a verificar-se prejuízos provocados pelo javali.



Figura 79. Campo parcialmente destruído pelo javali em Vila Nova de Gaia, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Manuel Castro

Também há uma grande variação no aspeto qualitativo – há silagens de muito boa qualidade, com bom equilíbrio entre parte verde e grão, mas as que sofreram com a seca têm mais matéria seca e menos grão, ou seja, são de qualidade inferior.

De uma maneira geral, as explorações têm suficiente silagem conservada, até fazerem a nova. Mantêm-se idêntico o contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.



Figura 80. Bovinos da raça Arouquesa a alimentarem-se de bolotas de carvalho, Serra da Freita – Vale de Cambra, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

10.2 Trás-os-Montes

Em Trás-os-Montes, as principais zonas de produção de culturas forrageiras são atualmente a Terra Fria e o Planalto Mirandês, onde estas são produzidas essencialmente pelos produtores pecuários, para alimentação dos seus animais

Neste momento, na Terra Fria, a generalidade dos produtores pecuários declara ainda não estarem reunidas as condições para fazer as sementeiras das forragens de outono/inverno. Inicialmente os solos estavam muito secos, o que tornava pouco viável a germinação das sementes. Após a precipitação, estima-se que a sementeira seja realizada até ao final do mês, sendo que alguns produtores já iniciaram a sementeira das aveias para forragem, mas ainda não as terminaram.

De modo geral, as pastagens permanentes – quer de regadio, quer de sequeiro – estão em razoável estado vegetativo, prevendo-se que venham a ser favorecidas pela precipitação entretanto ocorrida. As pastagens disponibilizam matéria verde para pastoreio direto, mas quando comparado com igual período do ano anterior, verifica-se uma situação mais desfavorável.

O nabo forrageiro apresenta-se em bom estado vegetativo.



Figura 81. Caprinos em pastoreio, numa pastagem arbustiva, Martim – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 82. Pastagem permanente espontânea de sequeiro, Martim – Bragança

No Planalto Mirandês a situação é idêntica, com os solos a começarem a ser preparados ainda durante o mês de setembro, mas em menor número/área que em igual período de 2024.

Também aqui, o facto da superfície dos solos estar bastante seca fez com que os produtores tenham atrasado um pouco todo o processo de preparação, lavra e a própria sementeira. Mesmo nos casos em que as operações foram realizadas atempadamente, a própria germinação das culturas está a sofrer um atraso.

Por esta altura, em 2024, as aveias e alguns trigos já teriam brotado, dando tons de verde aos solos, com o bom estado vegetativo que então apresentavam.



Figuras 83 e 84. Culturas de aveia em Mogadouro (esq.) e Vila de Ala (dir.), 21.10.2024. Na foto da direita é visível a erosão dos solos, por sulcos e laminar, causada pela precipitação que então ocorria.

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 85 e 86. Parcelas diferentes, nas quais é visível a preparação dos solos – na foto da esquerda para aveia e adubada com fertilizante natural (estrume) e na foto da direita para trigo – sem que as culturas já tenham sido semeadas, 10.10.2025, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 87 e 88. Parcela de aveia em 21.10.2024 (esq.) e em 16.10.2025 (dir.), Mogadouro

MESMA PARCELA

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 89 e 90. Lameiro em Brunhosinho, em 21.10.2024 (esq.) e em 10.10.2025 (dir.), onde se nota a quase total ausência de matéria verde na foto da direita, Mogadouro

MESMA PARCELA

Fotos por: Miguel Martins

As fotos seguintes, tiradas numa parcela de pastagem em Penas Roias, Mogadouro, representam o cenário visível um pouco por todo o Planalto Mirandês, onde se prevê que o ano agrícola que agora se inicia obrigue os produtores pecuários a recorrer mais a silagem e rações do que no ano anterior – o estado vegetativo atual destas culturas não é propício à alimentação/pastoreio dos animais.



Figuras 91 e 92. Pastagem em Penas Roias, em 13.10.2025 (esq.) e em 16.10.2024 (em baixo)

MESMA PARCELA

Fotos por: Miguel Martins



11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção do milho grão de regadio e de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão		Milho-Sequeiro Grão	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	94	72 768	96	4 254
Ave	84	10 101	87	429
Basto	95	4 553	86	88
Cávado	99	22 220	99	1 837
Entre Douro e Vouga	90	4 630	100	231
Grande Porto	90	5 404	100	363
Ribadouro	92	5 484	80	57
Vale do Lima	98	5 527	98	993
Vale do Minho	99	2 992	92	174
Vale do Sousa	95	11 857	80	82
Trás-os-Montes	31	1 911	71	1 869
A. Tâmega e Alvão P.	5	164	38	122
Beira Douro e Távora	92	210	85	30
Corgo e Marão	91	214	92	33
Douro Superior	97	204	94	78
Planalto Mirandês	95	587	93	1 041
Terra Fria	105	209	100	464
Terra Quente	94	323	89	101
Região Norte	89	74 678	87	6 123

Tabela 2. Evolução da produção de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão-de-Bico	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	95	250		
Ave	87	32		
Basto	83	11		
Cávado	100	81		
Entre Douro e Vouga	100	26		
Grande Porto	100	19		
Ribadouro	90	17		
Vale do Lima	100	31		
Vale do Minho	99	8		
Vale do Sousa	90	24		
Trás-os-Montes	96	1 970	98	66
A. Tâmega e Alvão P.	79	140	66	2
Beira Douro e Távora	100	15	99	5
Corgo e Marão	107	35	100	1
Douro Superior	99	469	99	15
Planalto Mirandês	100	371	100	19
Terra Fria	110	83	115	9
Terra Quente	95	858	90	14
Região Norte	96	2 220	98	66

Tabela 3. Evolução da produção da maçã, pêra e pêssigo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Maçã		Pêra		Pêssego	
	%	†	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	97	2 385	97	541	103	175
Ave	97	244	100	58	108	17
Basto	93	107	95	62	100	3
Cávado	99	826	100	109	100	48
Entre Douro e Vouga	100	142	100	56	120	21
Grande Porto	100	313	100	70	120	27
Ribadouro	90	282	90	89	100	7
Vale do Lima	98	271	98	56	93	44
Vale do Minho	90	58	90	16	90	6
Vale do Sousa	90	141	90	25	100	2
Trás-os-Montes	83	128 088	89	2 895	74	2 788
A. Tâmega e Alvão P.	67	1 386	84	233	64	152
Beira Douro e Távora	81	99 964	86	1 581	90	104
Corgo e Marão	86	2 577	93	74	88	49
Douro Superior	94	20 184	92	560	75	1 485
Planalto Mirandês	98	1 677	100	103	100	59
Terra Fria	95	1 386	100	148	100	20
Terra Quente	100	914	100	196	70	920
Região Norte	83	130 473	90	3 437	75	2 963

Tabela 4. Evolução da produção do kiwi e da uva de mesa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi		Uva de Mesa	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	114	25 838	90	61
Ave	111	3 112		
Basto	107	1 001	90	2
Cávado	110	5 029		
Entre Douro e Vouga	115	1 232		
Grande Porto	116	3 591		
Ribadouro	110	1 865	90	51
Vale do Lima	112	671		
Vale do Minho	180	1 389		
Vale do Sousa	110	7 948	90	8
Trás-os-Montes	92	44	90	223
A. Tâmega e Alvão P.	76	4	95	27
Beira Douro e Távora	92	11	81	22
Corgo e Marão	100	14	66	12
Douro Superior	90	7	82	15
Planalto Mirandês			95	116
Terra Fria			90	10
Terra Quente	90	8	88	20
Região Norte	113	25 882	90	283

Tabela 5. Evolução da produção da avelã, castanha, noz e amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa		Avelã		Castanha		Noz	
	%	†	%	†	%	†	%	Valor
Entre Douro e Minho	100	10	101	7	96	920	104	186
Ave			107	2	101	28	100	38
Basto			100	2	96	11	106	5
Cávado			95	1	99	109	99	33
Entre Douro e Vouga					110	76	103	10
Grande Porto					101	30	100	3
Ribadouro	100	8	100	1	91	356	110	61
Vale do Lima			100	1	99	222	98	13
Vale do Minho					100	54	100	0
Vale do Sousa	100	2			95	36	110	22
Trás-os-Montes	69	12 968	98	142	96	19 637	95	855
A. Tâmega e Alvão P.	59	1 116	62	16	96	2 183	69	110
Beira Douro e Távora	55	57	98	19	82	2 382	96	42
Corgo e Marão	90	241	100	2	91	277	98	22
Douro Superior	62	5 117	93	4	96	411	100	72
Planalto Mirandês	95	3 628	100	55	95	1 552	95	112
Terra Fria	110	445	134	37	100	11 735	105	334
Terra Quente	58	2 364	80	9	120	1 095	98	163
Região Norte	69	12 978	98	149	96	20 557	96	1 041

Tabela 6. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho			238	532
Ave			88	197
Basto			149	280
Cávado			207	181
Entre Douro e Vouga			678	963
Grande Porto			300	18
Ribadouro			308	599
Vale do Lima			187	790
Vale do Minho			198	1 789
Vale do Sousa			404	484
Trás-os-Montes	64	1 736	67	933
A. Tâmega e Alvão P.	70	236	57	933
Beira Douro e Távora	90	360	98	1 866
Corgo e Marão	80	800	93	1 432
Douro Superior	61	2 253	71	786
Planalto Mirandês	95	818	95	936
Terra Fria	93	439	85	948
Terra Quente	70	481	56	888
Região Norte	64	1 734	68	928

Tabela 7. Evolução da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho / Vinho	
	%	hl
Entre Douro e Minho	101	1 495 335
Ave	105	584 453
Basto	94	182 837
Cávado	105	95 504
Entre Douro e Vouga	195	7 073
Grande Porto	100	25 222
Ribadouro	90	118 457
Vale do Lima	110	132 880
Vale do Minho	111	148 037
Vale do Sousa	90	200 871
Trás-os-Montes	70	924 735
A. Tâmega e Alvão P.	78	42 115
Beira Douro e Távora	86	171 506
Corgo e Marão	69	348 268
Douro Superior	64	288 747
Planalto Mirandês	95	33 819
Terra Fria	80	10 692
Terra Quente	48	29 588
Região Norte	86	2 404 520